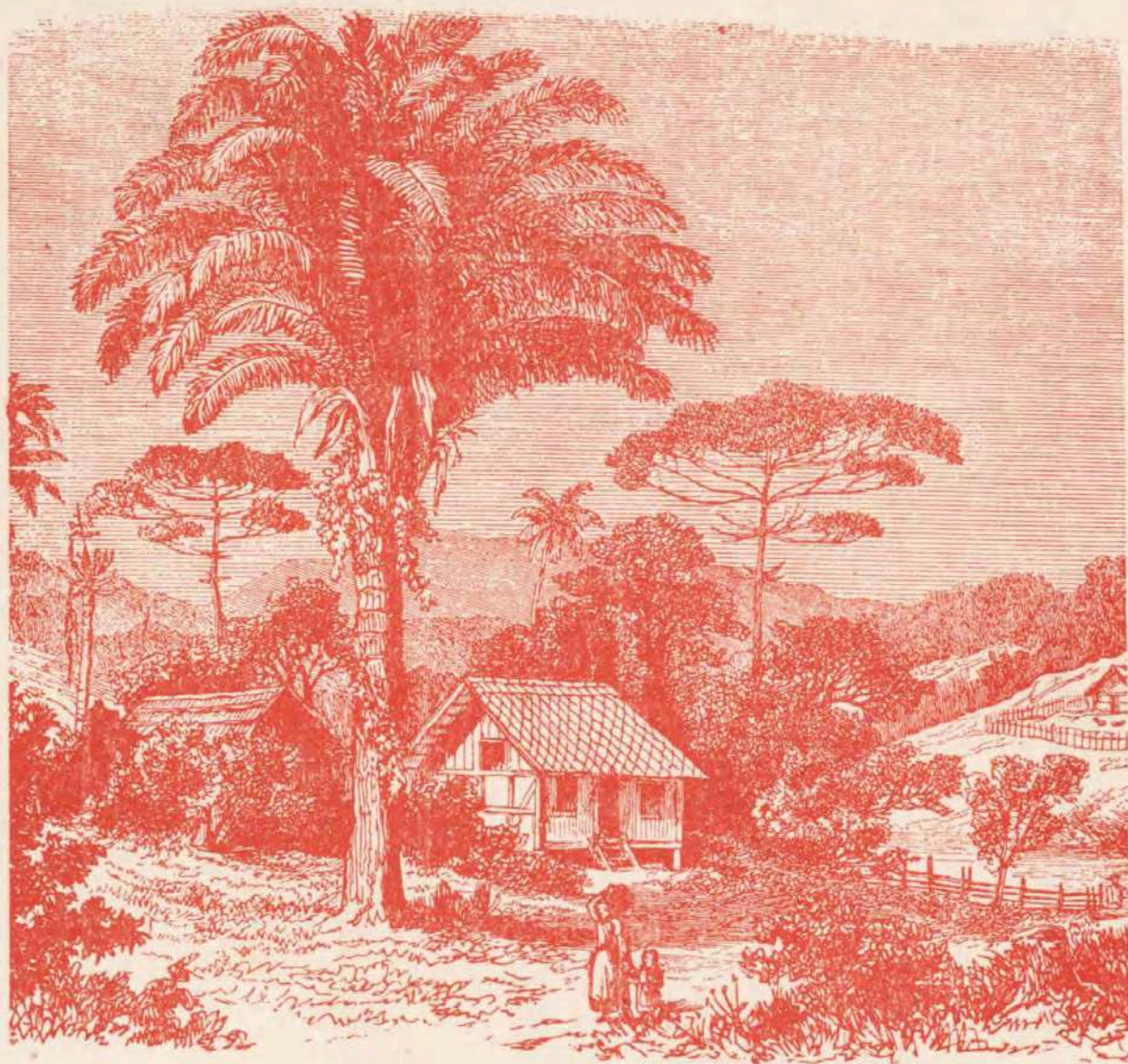


TAXA PAGA



Blumenau em cadernos

TOMO XIII ★ OUTUBRO DE 1972 ★ Nº. 10

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças
à generosa contribuição dos seguintes
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústrias Têxteis Companhia Hering S/A.

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Sousa Cruz

Emprêsa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Banco Brasileiro de Descontos S/A.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hidefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kühnrich - Blumenau

Relato de um Pioneiro

No intuito de melhor conhecer o povoamento de Santa Catarina, o Prof. Walter Fernando Piazza, da Universidade Federal de Santa Catarina, dirige os seus alunos para o campo da pesquisa histórica.

Dentro desta orientação, a licenciada em História, Irma Terezinha Pöttker, realizou a entrevista que se vai ler, com Paul Friedrich Ramminger, um dos pioneiros do povoamento de Mondaí, no extremo oeste de nosso Estado.

Vejamos, pois, pela própria informação, quem é o entrevistado:

“Data do nascimento: 19.6.1909. Nasci no sul da China, como filho de um casal de missionários da Missão Evangélica de Basileia. Meu pai se chamou Karl Ramminger, e a mãe Hedwig Ramminger. Nasci na cidade Ga-Yin-Djú, na província de Kwan-Tung (Cantão).

Meu nome chinês, como também fui batizado na capela daquela comunidade chinesa, é Lam-Moi-Hsin. Com dois anos de idade viajei junto com os pais e uma irmã para a Alemanha, onde fui educado na casa de parentes, enquanto os pais foram outra vez à China. E lá eles voltaram somente no ano de 1920, depois da primeira guerra mundial, e assim conheci meus pais quando tinha onze anos de idade.

Ficamos mais um ano juntos na Alemanha, e depois emigramos para o Brasil, para a então vila de Neu-Wuerttemberg, hoje Panambi (R. S.), onde o pai trabalhou como pastor do então Sínodo Riograndense. No ano de 1924 meu pai resolveu sair do serviço remunerado da Igreja e trabalhar sem remuneração entre os colonos, que um ano antes começaram a se fixar nas margens do Uruguai, no lado de Santa Catarina, e que estavam completamente sem amparo espiritual.

Assim ele comprou duas colônias de terra perto da sede da Colonização “Chapecó Peperly Ltda.”, para ter seu sustento do produto da terra e ao mesmo tempo servir de pastor aos colonos.”

— Qual o seu primeiro contato com a região do Vale do Uruguai e com Mondaí, em especial?

— Como era a região na ocasião? (Descreva os núcleos populacionais à beira do Rio Uruguai, o seu modo de vida, os costumes dos balseiros, a origem dos produtos consumidos).

— “O primeiro contato com a região do vale do Uruguai foi justamente na viagem que o pai e nós, três irmãos, fizemos de Panambi a Porto Feliz (depois Mondaí).

Esta viagem foi realizada com uma carreta de duas rodas, puxada por um cavalo e um cavalo de montaria. Assim um de nós podia dirigir a carreta, um podia montar a cavalo e os outros foram a pé pelo campo de Palmeira das Missões. Levamos cinco dias até chegar no Rio da Várzea, onde a estrada recém aberta de Santa Bárbara a Irai cruza este rio. Lá era o ponto de embarque em canoa para descer o Rio da Várzea e o Uruguai até Porto Feliz. Meus irmãos ficaram lá com a carreta desmontada (para poder carregar na canoa), e o pai e eu ensilhamos os dois cavalos e voltamos até "Barril" (hoje Frederico Westphalen), onde existiu um acampamento de trabalhadores da estrada. Eles tinham colocado um barril numa vertente para juntar a água, daí o nome "Barril".

Lá começava a picada que ia pela mata fechada até Águas do Prado, perto do Rio Uruguai, hoje Vicente Dutra. Seguimos por aquela picada, e depois de um dia de viagem chegamos no Uruguai onde achamos pouso num morador a beira do rio. No outro dia cruzamos este rio onde está hoje o porto de Mondai, numa barca improvisada com duas canoas e algumas taboas. Em todo o trecho entre Barril e o Uruguai, 48 km, encontramos um só morador, o resto era mato fechado.

No lado riograndense do Uruguai já se tinham fixados alguns moradores, a maioria fugitivos das revoluções do município de Palmeira, e que se esconderam naquele sertão. Do lado de Santa Catarina recém tinha começada a colonização pela "Chapecó-Peperi Ltda.". Esta colonização que começou praticamente com a chegada da primeira família em Porto Feliz, a família Brüggemann, em fins de 1922, tinha parado quase por completo devido às revoluções e conseqüentemente com o isolamento quase total.

De outras colonizações não existia nada ainda no vale do Uruguai, somente Irai, com suas águas minerais, já estava sendo colonizado.

O meio de vida até então dos poucos moradores na costa do rio constava do produto de suas plantações mais que modestas e do comércio de madeira (exportação em balsas para a Argentina). Na península da Barra do Rio das Antas morava o célebre "Zeca Vacariano", que mantinha uma turma de trabalhadores para extração da madeira para balsas. Já, naqueles tempos existia a picada a Barracão, provavelmente aberta por este homem, única via de comunicação pelo sertão catarinense até a divisa com o Paraná e com a Argentina. As balsas foram todas dirigidas "a muque", com grandes remos, e os balseiros voltavam de Santo Tomé, ou com canoas pelo rio, ou a cavalo, comprando uma égua de montaria, que depois vendiam de novo, ou então a pé.

— Como e quando se iniciou a colonização de Mondai? Quais os primeiros habitantes? De onde vieram? Qual a colonizadora e as suas relações com os colonos?

"Como já foi dito, colonização de Mondai começou praticamente com a chegada da primeira família de imigrantes, embora os trabalhos

da "Empresa Chapecó Peperly Ltda.", já começassem muito antes.

Os primeiros imigrantes em grande parte vieram diretamente da Alemanha, outra parte veio das Colônias velhas e de Panambi. A falta de conhecimentos de muitos destes colonos na lida do desbravamento do mato e da agricultura brasileira originou um certo atraso no desenvolvimento da colonização. Os primeiros anos para muitos eram duríssimos, pois tinham de construir suas moradias sem conhecimento algum e somente pouco a pouco aprenderam dos "brasileiros" como se fazia isto. Muitos ganharam seu pão na construção de estradas, que a empresa mandou abrir, mas com isto a produção agrícola era baixa, e o que se produzia não podia ser exportado por falta de estradas. Somente no ano de 1926 foi aberta a estrada de rodagem para "Barril". A Empresa colonizadora também não dispunha de muitos meios pecuniários, assim que, nos primeiros anos, se sentiu uma falta grave de dinheiro. A situação mudou pelos anos de 1930-32, quando a plantação de fumo ganhou vulto e este produto podia ser exportado. A Empresa desde os primeiros dias se esforçou em criar escolas em todas as picadas, e a alfabetização naqueles tempos foi quase completa. Também a vida cultural floresceu. Além da fundação de comunidades religiosas, logo no primeiro ano foi fundada uma liga de cantores e um grupo de teatro, pois estes imigrantes trouxeram uma grande herança cultural consigo."

— Como viu ou ouviu referências á passagem da "Coluna Prestes" em Mondai? Sabe o roteiro dessa passagem? (seguiu, por exemplo, o curso do Rio das Antas, ou desviou-se pelo Lajú)?

— A Coluna Prestes passou aqui em Janeiro de 1925. Já antes quando se ouviu falar de revolução foi fundada uma liga de defesa pelos próprios moradores. Esta força foi formada por 17 homens, armados com espingardas de caça. Quando a Coluna Prestes chegou perto, vindo do Rio Pardo, costeando o Uruguai, foi uma comissão de homens daqui ao encontro desta coluna para negociar com os revolucionários a passagem por Mondai, sem grandes prejuízos para a população. Esta comissão também conseguiu a promessa do Capitão Prestes, que nada seria roubado ou confiscado, uma vez que a população de Mondai não pusesse obstáculos á passagem da tropa. Até foi permitido aos nossos homens de ficar armados e fiscalizar a passagem (da tropa). Assim aconteceu que 17 homens controlaram a passagem de uma força de 2.500 soldados bem armados com fuzis e metralhadoras. Em grandes linhas foi cumprida a promessa de não prejudicar Mondai, e só os últimos que passaram começaram a roubar algumas cousas.

A Coluna Prestes seguiu a velha picada de Barracão, que subiu primeiro no divisor de águas entre Lajú e Antas, desceu no Vorá, subindo o Vorazinho e de lá seguindo mais ou menos o trajeto da estrada geral de hoje a Barracão, inclusive passando no mesmo lugar onde se situa São Miguel do Oeste."

A Revolução Federalista em Itajaí

EDISOM D'ÁVILA

1. ANTECEDENTES

Com a dissolução da Câmara Municipal monárquica, a 7 de janeiro de 1890, consultou o governador Lauro Muller os vários grupos republicanos nas diversas comunas catarinenses, objetivando a constituição dos primeiros Conselhos Municipais da República.

Em Itajaí coube ao republicano histórico Antônio Manoel Fontes apontar os nomes que o mesmo governador, logo após, haveria de designar para o Conselho Municipal.

Por sua fidelidade aos ideais republicanos e pela ação grandemente positiva na implantação do novo regime em Itajaí, concedeu Deodoro uma patente oficial da Guarda Nacional ao destacado cidadão Antônio Manoel Fontes.

As dissensões entre os republicanos não tardariam porém, quando da organização das chapas para eleições estaduais de fevereiro de 1891 e, posteriormente, para as eleições municipais. Enquanto o grupo dos republicanos históricos insistira no nome do comerciante Emanuel Pereira Liberato; Lauro Muller e mais Eugênio Muller, Jacob Heusi, Olímpio Aniceto da Cunha e outros apoiaram o nome do Dr. Pedro Ferreira e Silva, médico já de grande prestígio no seio da nossa população. Vence a indicação do segundo grupo e o Dr. Ferreira é eleito deputado ao Congresso Cons-

tituinte do Estado, a 24 de fevereiro de 1891.

Desde então passou o Dr. Ferreira à condição de chefe político local e porta-voz do governador aqui; o que desgostou ainda mais os republicanos históricos, que se sentem marginalizados nas decisões políticas.

Logo após à eleição de Eugênio Muller para Superintendente Municipal abriu-se a dissidência no Conselho. O grupo do Cel. Fontes que reunia os conselheiros Geraldo Gonçalves Pereira, Antônio Pereira Liberato, Donato Gonçalves da Luz adere ao partido Federalista que Severo Pereira e Eliseu Guilherme da Silva fundaram no Desterro e pretendia representar a pureza republicana.

É compreensível porque assistiu Itajaí a quase deposição de Lauro Muller da governança e os posteriores episódios, aparentemente impassível. Enquanto em comunas como Brusque, Blumenau e Tijucas se organizaram "Batalhões Cívicos" para resguardar a legalidade ao menos no âmbito municipal, em nossa cidade nada se fez.

Com a ascensão das novas autoridades estaduais francamente anti-Lauro, viram desolados os partidários do mesmo e jubilosos os seus opositores que não tardariam mudanças de profundidade da nossa vida política. Foram então radicalizadas as posições: de um lado os "legalistas" partidários

de Lauro Muller e do outro os "federalistas", seus opositores e partidários da nova situação estadual.

O novo Superintendente, recém-eleito, bem como o Conselho Municipal acabaram não tomando posse.

2. A DERROCADA DA LEGALIDADE

Floriano, suficientemente informado das novas catarinenses, nomeia um seu preposto para o cargo de governador do nosso Estado, o Tenente Manoel Joaquim Machado. Este fez, a caminho da Capital, uma escala em Itajaí, quando foi saudado por uma delegação de federalistas locais.

A delegação que Blumenau mandou para também saudar o novo governador não pode desincubir-se da missão, pois federalistas e populares impediram o seu desembarque. Para tanto o antigo capitão do brigue «Adélia», Joaquim Manoel Rodrigues, homem de temperamento arrojado, fez vir dos porões do «Estrela» um velho canhão que carregou de velhos pregos! Desolada a delegação retornou a Blumenau no rebocador «Jahn», que a trouxera.

Já antes da chegada do Tenente Machado, a Junta que substituiu o governador renunciante dissolvera o Congresso Representativo do Estado, ficando o Dr. Ferreira sem o seu mandato de deputado e, dada a sua condição de porta-voz do antigo governador, sem condições de ação política.

Machado, devidamente intei-

rado da situação local pelos federalistas que o receberam, ao chegar à Capital, telegrafou, mandando entregar imediatamente o edifício e os arquivos da Intendencia aos seus correligionários.

As reuniões políticas se sucediam. Os federalistas em casa de Manoel Antonio Fontes e os legalistas nas de Olímpio da Cunha e Jacob Heusi. Quiseram estes resistir à ordem de Machado, mas tiveram que ceder à força e entregaram os documentos municipais e a chave do prédio da Intendencia ao Juiz de Direito, Dr. Manoel Ferreira de Mello, que empossou o novo Conselho a 16 de fevereiro de 1892. Constituíam-no: o Tenente-Coronel Antônio Pereira Liberato, seu presidente; Dr. José Gabriel Pereira; Benjamim Carvoliva; Antônio Luiz Bella Cruz; Manoel Gonçalves Pereira; Carlos Frederico Seara (o velho) e José Felipe Geraldo.

3. O "INTERREGNO FEDERALISTA"

Estava dividida politicamente a cidade. Legalistas e federalistas se olhavam desconfiados e trocavam insultos, acusando-se de traidores do ideal republicano.

Pedro Ferreira e Silva e Eugênio Muller comandavam os primeiros com o apoio dos maiores do lugar: Guilherme Asseburg, Nicolau Malburg, Samuel Heusi, Jacob Heusi e Olímpio Cunha. Como dominassem neste grupo os itajaíenses de origem germanica, denominou-o o povo de "partido dos alemães".

Em maio de 1892 Machado faz realizar-se nova eleição para

um novo Congresso Constituinte. Diante do recuo legalista, os federalistas não tiveram dificuldades em eleger Emanuel Pereira Liberato. Assim, em julho, assinaria o citado itajaiense a segunda Constituição do Estado como nosso representante.

Esta Constituição introduziu substanciais modificações na estrutura política do nosso Estado e dos municípios. Estes seriam administrados por uma Câmara de Vereadores, nada constando a respeito do Executivo. Tais funções caberiam, assim, ao presidente da Câmara.

As eleições para a composição da nova Câmara, a segunda a ser eleita no período republicano, foram convocados para 20 de novembro de 1892. Resolveram os legalistas, que também se intitulavam "republicanos", participar, muito embora soubessem de antemão estarem com poucas possibilidades de uma vitória significativa. Além de ter o governo estadual em seu apoio, contavam os federalistas com a rasgada simpatia do vigário, Pe. João Rodrigues de Almeida. Popular e muito dado às lides políticas o padre abriu, do púlpito, suas baterias contra os "alemães legalistas" e, inclusive, candidatou-se a vereador!

Apurados os votos, saem vitoriosos os federalistas, como se previa; conseguiram os legalistas eleger um vereador, Samuel Heusi, que assim marcava o seu reaparecimento no cenário político itajaiense.

A Câmara eleita, composta dos senhores Antônio Pereira Li-

berato, Pe. João Rodrigues de Almeida, Joaquim José da Silva, Manoel Gonçalves Pereira, Donato Gonçalves da Luz, Lázaro José Rebelo, Samuel Heusi e José Lopes Ferreira Júnior, é empossada e elegeu seu presidente, o Tenente-Coronel Antônio Pereira Liberato.

O Tenente-Coronel Antonio Liberato, antigo chefe do Partido Liberal do tempo da Monarquia, entretanto, manteve-se afastado da presidência, cabendo a mesma ao Padre Almeida, vice presidente.

Quando o Tenente Machado rompeu espetacularmente com Floriano, a 24 de abril de 1893, os federalistas de Itajaí, como de resto os de todo o Estado, creram ser realmente a revolução o único meio de salvaguardar a República, que a ditadura do Marechal de Ferro conspurcava, dizia eles!

O ódio dos mesmos mais se acendeu ao saberem da reaproximação de Lauro Muller com o Marechal presidente; aproximação permitida por este e habilmente procurada por aquele.

Disto resultou em que os "Lambisas", partidários de Lauro, eram agora os legalistas de fato e os pugnadores da integridade pátria!

O clima de guerra que o Estado passou a viver desde então foi o motivador de uma série de atos que transformaram homens conterrâneos e vizinhos, antes amigos, em odiosos inimigos.

4. VEIO A REVOLUÇÃO ...

Atendendo às ordens do Coronel Laurentino Pinto Filho,

promovido a General pelo governo provisório revolucionário e nomeado Comandante da Guarda Nacional, o Cel. Fontes mobilizou o contingente da mesma em nossa cidade e o contingente da polícia local, aderindo à revolução que os gaúchos traziam do Sul. Não tardariam a chegar os navios revoltosos "Uranus", "Meteoro" e "Pallas" que mantinham os federalistas locais informados do que ia na Capital.

Poem-se, então, os mais destacados legalistas ao resguardo da vista e das mãos dos seus opositores, já que a lei e os direitos do cidadão pouco valiam nessas ocasiões.

Em outubro de 1893 um fato espetacular sacudiu a cidade. Quando adentrava a nossa barra, o navio revoltoso «Pallas», capitaneado pelo Tenente Pio Torelly, encalhou em um banco de areia no Pontal e lá se perdeu.

Para compensar tal perda os vapores «Progresso» e «Jahn» foram requisitados pelos revoltosos e transformados em naus de guerra. Canhões e metralhadoras lhes são atrelados, enquanto sacos de areia protegem os seus conveses.

Neste clima de intranquilidade, já em fins de novembro, tomam os itajaienses conhecimento da aproximação dos federalistas de Gumercindo Saraiva que descem por Blumenau, vindos de Curitiba-nos.

As famílias, muitas mesmo, intranquilas se afastaram da cidade, embora as autoridades federalistas locais procurassem apresentar os revoltosos como «boa gen-

te». O que na verdade em parte se confirmou!

Gumercindo aqui chegou a 30 de novembro de 1893. Seus homens não poderiam estar em pior estado. Não se podia crer ser aquele o exército da «salvação nacional»! Maltrapilhos e mal-encarados, quase todos a pé, os soldados contrastavam com a figura do seu chefe. O «vil degolador» não aparentava ser tão ruim quanto dele se dizia ser. Era até um homem bem apessoado e cavalgava belo corcel branco!

A tropa, de mais de mil homens, acantonou em barracas de lona nos terrenos do senhor Romão Machado Espindola, onde hoje se localiza o Colégio Salesiano de Itajaí. A alimentação era requisitada nas casas comerciais locais. Malburg e Asseburg lhes forneciam mantimentos sem que se falasse, ao menos, em pagamento.

Desejosos da popularidade requisitavam sempre a mais os mantimentos, que depois distribuía à população pobre. O mesmo acontecia com o gado requisitado para o corte; a carne melhor era churrasqueada e o restante também distribuído aos pobres. Não admira porque eram chamados de boa gente!

Os piquetes revoltosos percorriam a cidade continuamente à procura dos chefes legalistas, que pejorativamente chamavam de «lambisas», Cidadãos inocentes eram presos e interrogados do paradeiro dos mesmos. Assim aconteceu com Francisco Correa de Mello, que tendo deixado mulher e filhos no «Outro Lado» (Navegantes), ia para a sua sapataria,

quando foi detido por um bando de maragatos os quais o interpelam do paradeiro do Cel. Eugênio Muller. Atônito respondeu o sapa-teiro não saber; contrariados os cavaleiros seguiram à frente em acelerado tropel.

Sabendo da aproximação da Divisão Norte que lhe vem ao encalço, Gumerindo se passa ao Desterro. Coube a Guerreiro Vitória, então, o comando da cidade. Para a defesa da mesma aqui permaneceram seiscentos homens.

5. O COMBATE DE ITAJAÍ

A 8 de dezembro do ano que corria os postos avançados federalistas na Canhanduba sentem o avanço dos legalistas do General Lima e do Senador Pinheiro Machado

A Divisão Norte largou-se de Blumenau a 6 do mesmo mes com artilharia e basta munição, passando por Gaspar e atravessando o Rio Pequeno no Barracão. Eram 3 horas da tarde do dia 7 quando, com auxilio de 2 balsas grande e 1 pequena, a tropa concluiu a travessia. Encetou-se a marcha em direção à cidade e a primeira parada foi feita no Arraial dos Cunhas.

Ao entardecer desse dia o General Lima recebeu a comunicação de que os revoltosos haviam queimado a ponte sobre o rio Canhanduba, que tanto custara aos cofres da Municipalidade. Falta-vam veículos para o transporte e decidiu-se requisitá-los em Brusque.

Na manhã do dia 8 chegaram as carretas e a vanguarda legalista presente, pela primeira vez, o ini-

migo. Entrincheirados no lado oposto do tal rio os maragatos fizeram forte fuzilaria. O «Uranus», ancorado na Barra do Rio, fez mais de duzentos disparos. Primeiramente queria o comandante do tal navio manejar a sua artilharia com o mesmo ancorado em frente à cidade. Mas atendendo aos rogos do então prático da barra, Manoel Maria Couto, resolveu passar à Barra do Rio e de lá fazer o fogo.

Neste tiroteio sangrento passou-se todo o dia 8. Reuniu, então, o General Lima o seu estado-maior e, diante da resistência inimiga, decidiu atacar com os dois mil homens disponíveis, sem esperar os reforços dos coronéis Mena Barreto e Fermino, que estavam por chegar.

A tropa foi dividida em duas colunas. Ao General Lima coube o comando da primeira; a segunda ao Coronel Salvador, tendo a esta acompanhado o Senador Pinheiro Machado. As 5 horas da tarde do dia 9 separaram-se as colunas, indo a do General bordejando os morros do sul e a segunda a margear o Itajai-Mirim.

Sentindo-se acuados, pouco a pouco os maragatos recuavam. Era já o dia 10. Na altura dos Werners resistiram ainda, mas abandonaram a posição deixando dois mortos e farto material de guerra. Como considerassem este recuo uma vitória, perfilaram-se os batalhões legalistas e solenes ouvem o Hino Nacional, executado pela banda do 1º Regimento da Brigada Militar, sob o comando do Tenente-Coronel Fabrício Pillar. Neste mesmo dia chegaram os coronéis Mena Barreto e Fermino com os tais reforços.

À tarde o inimigo, nome que damos aos federalistas, volta a atacar com fuzilaria e artilharia. Durou o fogo até às 8 horas da noite. Foram bastantes os feridos de ambos os lados. Registraram os legalistas 21 feridos e 5 mortos, entre aqueles figurava o capitão Pedro Gherem.

O hospital de sangue instalaram os atacantes na casa do comerciante Alberto Werner, enquanto os maragatos transportavam seus feridos para a cidade, onde, em casa do Cel. Fontes, instalaram sua enfermaria. Para esse transporte e o dos 300 homens de Aparício Saraiva chegados, como reforços, nesse dia, vindos de São Francisco do Sul, requisitaram os federalistas as carroças disponíveis na cidade.

Já se fazia noite quando o comando da Divisão Norte foi informado de que os revoltosos embarcavam em seus navios e saíam barra à fora. Incumbiu-se, então, o Tte. Coronel Joaquim da Costa Correa de se apossar do telégrafo da cidade.

Na manhã do dia 11 avançou a tropa rumo ao centro de Itajaí e, na altura do Carvalho, encontrou-se com o Juiz de Direito da Comarca, Dr. Ferreira de Mello, que confirma o abandono da cidade pelos maragatos.

Concluiu-se a ocupação de Itajaí pelas tropas legais. Dois canhões "Krupp" foram instalados no morro da Atalaia para proteger a barra. Lima mandou consertar o "Progresso", seriamente avariado e nadadores vasculharam o fundo do rio à procura de uma peça de artilharia, que se dizia ter

sido aí jogada pelos retirantes apressados.

Restabeleceu-se o telégrafo que os revoltosos haviam danificado, surrupiando o aparelho, quando da estabanada fuga.

Na "ordem do dia" que fez ler, então, o Comandante teceu elogios à sua tropa e verberou a covardia inimiga que, apesar dos 800 homens, 21 canhões e dois navios, levou-os à fuga vergonhosa.

Tal expediente bélico era, na verdade, a tática dos federalistas, que preferiam o abrigo dos seus navios aos entreveros desgastantes com a tropa legalista. Deveu-se ainda tal fuga a um contratempo havido com o chefe maragato Aparício que teria sofrido, logo após aqui chegar, uma perigosa congestão cerebral.

Assim foi que, já pelas 4 horas da tarde do dia 12, e enquanto a Divisão Norte ainda aqui permanecia, os navios revoltosos surgiram à frente da barra e fizeram fogo, destruindo a ponte do Werner!

Como a pressão federalista fosse já grande no Paraná, ameaçando a cidade da Lapa, a tropa do General Lima resolveu encetar marcha para o Estado vizinho via Blumenau e São Bento.

Na poeira destes retornaram os revoltosos e fizeram espalhar boletins nos quais afirmavam ter tido a Divisão Norte seiscentas baixas. Descabido exagero, com certeza!

A tropa agora acupante era

mínimo, pois Aparício vovera definitivamente a São Francisco e Guerreiro Vitória passara-se ao Desterro. Foi aí que o General Laurentino Pinto Filho, sabedor do que se passava no Itajaí, abalou-se da Laguna, pensando encontrar ainda a Divisão Norte, mas quando aqui chegou esta já estava longe. Ele, então, resolveu seguir também para a Lapa, onde haveria de conseguir a capitulação do heróico coronel Gomes Carneiro.

6. ERA O FIM...

O ano de 1894 teve seu início com péssimos presságios para a Revolução. No Rio tudo piorara e a reação florianista se fazia forte. Pouco a pouco desertavam os chefes revoltosos: Saldanha da Gama foi o primeiro.

Em fins de janeiro Gumercindo se retirou do Paraná e abandonou, depois, a terra catarinense. Antes já haviam seguido para «os pagos», acompanhando o Almirante Custódio José de Mello, os generais rebeldes Salgado e Laurentino Filho.

Coube ao Almirante Jerônimo Gonçalves, em abril, por fim ao merencório governo provisório rebelde do Desterro.

Em Itajaí os últimos soldados maragatos, já pressentindo o fim desastroso que os aguardava, se retiraram em fins de dezembro. Ficaram assim à própria sorte os federalistas locais, comprometidos até os cabelos com os desmandos da Revolução. Resolveram, pois, abandonar o governo, convencidos da inutilidade da aventura em que se meteram e de qualquer resistência. Volveu o Padre Almeida à casa de familiares na Penha, de onde viera e os demais ao recesso de

seus lares, aguardando a «vindita» dos vencedores.

A situação de acefalia governamental extinguiu-se a 24 de abril de 1894, quando o Dr. Pedro Ferreira e Silva, saindo do ostracismo político de dois anos - tempo em que, inclusive, esteve preso a bordo do «Uranus», assumiu a presidência do Conselho Municipal, juntamente com os conselheiros Frederico Augusto Luiz Thimme, Antônio dos Santos Cardoso, Olímpio A. da Cunha, Lourenço de Souza Rachadel, Júlio Kumm e Samuel Heusi.

7. VALEU A PENA?...

Na certa que não! Floriano, para por a casa em ordem, se dizia, para cá manda o Coronel Moreira Cesar, que comete horríveis crimes!

Para Itajaí foi despachado, a mando do sanguinário governador, o Coronel Lopes a fim de prender os destacados legalistas. A ordem foi cumprida, mas o tal Coronel Lopes não era do naipe do seu comandante e tratou os prisioneiros - Coronel Fontes, Emanuel Pereira Liberato, Antônio Luiz Bella Cruz e outros muito bem. Em Florianópolis intercedeu pelos mesmos e assim os livrou da morte certa na Fortaleza do Anhatomirim!

Em julho de 1894 o Dr. Pedro Ferreira fez extenso relatório ao mesmo governador, pondo-o a par da difícil situação do Itajaí. Lamenta os gastos feitos durante a Revolução e as mortes também havidas.

Com certeza muita razão tinha o Coronel Fontes quando dizia: "Foi uma felicidade para o Brasil não ter a Revolução triunfado!"

PEDRO AMÉRICO

(O imortal pintor da História da nossa Pátria)

Por GUSTAVO KONDER

Estudando o depoimento do Capitão Marcondes de Oliveira e Melo, o comandante da Guarda de Honra de Dom Pedro e uma das testemunhas oculares da época da Independência, proclamada às margens do Ipiranga, inspirou o laureado pintor Pedro Américo de Figueiredo e Melo à pintar, em 1887, no seu atelier montado na Italia, o grande painel, que tomou o título de «O GRITO DE IPIRANGA», famoso e popular em todo o Brasil e no Exterior.

Como alguns dos meus amáveis leitores desconhecem a biografia do famoso pintor brasileiro, resolvi historiar um pouco sobre a movimentada e aventureira vida do vulto em questão, extraída de diversos tópicos publicados em antigas e esparsas revistas, que possuo em meu poder.

Nascido a 29 de abril de 1843, na província da Paraíba e, tendo sido seu avo paterno popular compositor de partituras sácras, menino ainda, já havia aprendido música oral e instrumental e, aos 7 anos, pintava retratos que mal lhe podiam ser atribuídos. Como desenhista da Comissão Científica do naturalista francez Louis Jacques Brunet, aos 9 anos de idade, viajou pelos estados de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí e Paraíba. Dessa sua peregrinação resultou o seu pendor para a História Natural e, um livro, «Holocausto», um romance filosófico de críticas às instituições e costumes do Brasil Imperial. Veio para a Corte (Rio) encaminhado pelo presidente da Província da Paraíba ao Visconde do Bom Retiro, ministro do Imperio, matriculando-se no Colégio Pedro II e na Academia Real de Belas Artes, fazendo curso brilhante em ambos. Suas primeiras telas, que datam desse período, foram «São Miguel», «Martir Dolorosa» e «Jesus de Capa Verde».

Em junho de 1859 partiu para a Europa, com proteção particular concedida pelo Imperador Pedro II, depois deste have-lo visitado em seus aposentos da Igreja de São Joaquim. Em Paris cursou a Academia de Belas Artes e os Institutos de Física de Canot e da Sarbonne, sendo então alcunhado de «O Filósofo». Antes de voltar, com 21 anos, viajou pela Italia para estudar as grandes obras de arte. No Rio de Janeiro pintou «Carioca» que ofereceu ao Rei, mas, como dizem os registros, «o nú da bela morena, a sua carnação rija e macia feriram os escrupulos púdicos do Mordomo da Casa Imperial, que a julgou por demais licenciosa para figurar nas galerias de Sua Magestade». Diante desse fato arrojante, Pedro Américo ofereceu o quadro ao Rei Guilherme da Prússia da Alemanha que, em agradecimento, o condecorou.

Candidato à cadeira de Pintura Acadêmica da Escola de Belas Artes, conquistou-a facilmente, porque os outros concorrentes, inclusive o francês Le Chevrel, desistiram ao verem o quadro de Pedro Américo «Sócrates afastando Alcebiades do vício». Pintou também «Petrus ad Vincula», que figurava na Igreja de São Pedro.

Em 1865 retornou à Paris, desgostoso de intrigas e invejas por lhe terem tirado a pensão que D. Pedro II lhe dera e quase estremecendo a amizade de Sua Magestade. Na velha Europa, foi a pé até Estrasburgo, capital da Alsácia, uma das províncias da França atual, de onde passou ao Grão Ducado de Baden, Alemanha. Desceu depois o Reno até a Holanda e Dinamarca, visitando após o Marrocos, Sicília e o arquipélago grego. Todas as despesas foram sustentadas pelo próprio trabalho que, o incansável pintor executava durante sua aventureira caminhada. Na sua permanência em Paris, passou necessidades e dificuldades financeiras, a tal ponto, que o suspeitaram de haver roubado, de alguma coleção particular, as numerosas medalhas de que era possuidor e que havia conquistado pelas suas magníficas pinturas. Molestado, vai à Argélia, como desenhista de uma missão do governo francês, extraíndo aspectos e tipos da região exótica e original, de onde voltou a Paris e Bruxelas, onde se aperfeiçoava desde 1862. Para o seu sustento, foi obrigado a retratar, a crayon, os tipos que perambulavam pelos cafés e botequins.

Em 1868 recebeu o grau de doutor em Ciências Naturais, pela Universidade de Bruxelas, capital da Bélgica depois, de um exame público que levou seis horas, conquistando a merecida distinção. Tendo-lhe negada passagem para regressar ao Brasil, foi nomeado professor adjunto da mesma Universidade, com uma tese em que, apoia ao espiritualismo contra os positivistas e materialistas. Da Holanda e Inglaterra, onde tinha estado anteriormente, passou à Lisboa e ali casou com a filha de Araujo Porto Alegre, nosso consul na capital lusitana.

De retorno ao Brasil, em 1870, os invejosos e despeitados espalhavam boato em que o laureado pintor havia comprado o título de doutor. Recorreu então ao testemunho do professor Dr. Niemeyer, que assistiu á sua defesa de tese em Bruxelas, e ainda publicou na imprensa carioca a carta que o Reitor da Universidade da Bélgica lhe enviou. Logo em seguida pintou os quadros «David e Abisag», «Noviciado», «Dom Pedro II», «Joana d'Arc», «Duque de Caxias a Cavallo» e a grande tela histórica «Batalha de Campo Grande», que foi exposta na Exposição da Universidade de Viena e, mais tarde, foi adquirida para o nosso Ministério da Guerra, pendurada no grande salão de recepções, onde ainda hoje se encontra!

Durante os 26 anos de perseverantes trabalhos, em Florência, pintou a celebre tela «A Batalha do Avaí», encomendada pelo governo brasileiro. Exposto naquela cidade italiana, o magnífico quadro foi calorosamente apreciado por mais de cem mil comparecentes. Avaliado em 280.000 francos (naquela época) pelos, professores da Escola de Belas Artes de Florência, por ele só lhe pagaram 40.000 francos! Ofereceu-se então

para pintar de graça a «Batalha de 4 de Maio», o que não foi aceito, embora não aceitassem o seu pedido de demissão como professor.

Possuía um poder criador fertilíssimo, cada painel que saía do pincel do mestre era uma nova obra prima. Ele as produzia em séries constantes, apesar de tantos atropelos e embaraços que, jamais deixaram de desanima-lo. Nas suas constantes viagens ao Rio, ali expoz o célebre painel «O GRITO DE IPIRANGA», que era um dos seus mais populares e magníficos trabalhos e, em Florêça, expoz numerosas pinturas suas, que atraíram indescritível admiração, sendo apreciadas por sete Reis e até pela poderosa e venerável Rainha Vitória da Inglaterra.

Em 1886 foi elevado a dignatário da Rosa Grande do Imperio e dez anos depois, com a proclamação da República, foi eleito ao Congresso da Constituinte. Não escondia suas aspirações republicanas e disso sabia o próprio Imperador D. Pedro II, que não lhe retirou a sua amizade. Por motivo de saúde abalada recusou a reeleição ao Parlamento. Nessa oportunidade pincelou outra de suas famosas telas «Tiradentes esquartejado», pertencente á Prefeitura de Juiz de Fora, estado de Minas Gerais.

Embora bastante doente, vai mais uma vez á Italia, onde pintou «A Visão de Hamleto», «A Beleza de Spa» e «A Primeira Culpa» e ainda escreveu um novo livro «O Foragido». Pouco tempo depois, em 7 de outubro de 1905, morria em Florêça o imortal pintor da História do Brasil, sendo os seus despojos trasladados para a Paraíba, sua terra natal.

Entre suas inúmeras obras merecem ser também citadas: «Anjo de Sabóia», pertencente á Coroa da Italia; «Os filhos de Eduardo IV da Inglaterra», «Judith e a cabeça de Holofernes», «Rabequista Arabe» e «Menina Espanhola de 1620».



Blumenau em Cadernos

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 10,00 —

Caixa Postal, 425 - 89 100 - BLUMENAU - Santa Catarina - Brasil

O «BLUMENAU II»



O navio de turismo, «Blumenau II», chegou festivamente ao porto de Blumenau, na manhã de 24 de setembro, recebido com bandas de música, foguetório e uma chuva impertinente que estragou um pouco o brilho das solenidades. A «Turismo Holzmann» vai explorar o barco que será, sem dúvida, mais uma das grandes atrações turísticas de Blumenau. São nossos votos que a esse sigam outros barcos de turismo que transformem o nosso Itajaí Açu numa amostra do velho e lendário Reno.

Estante Catarinense

Por CARLOS BRAGA MUELLER

PEDRA ELEGÍACA - de Rodrigo de Haro - Edições Flama, 1971 - Poemas

Depois de publicar «Trinta Poemas» (1961) e «A Taça Estendida» (1967), que não lemos, ambos com edições esgotadas, volta o catarinense mais frances do mundo (pois nasceu em Paris) com esse novo livro de poesias, enfeixadas sob o título de «Pedra Elegíaca». As ilustrações são do próprio Rodrigo e as elegiadas, por sua vez, estão separadas em tres partes: Desterro, Athanor e Pedra Elegíaca, que dá o nome à obra. Em «Desterro» está presente todo o encanto e poesia da Ilha de Santa Catarina: a areia das praias, as noites cálidas, as madrugadas da boemia e a velha figueira da Praça XV! Tudo visto, porém, através de uma pena melancólica, triste e lamentosa, o que, aliás, caracteriza a elegia. E assim, num clima tétrico e as vezes até demoníaco, também seguem os versos de «Athanor» e de «Pedra Elegíaca». Os desenhos de Rodrigo de Haro são ótimos. Pena que poucos. Expressam o clima vampiresco que caracteriza sua obra. Paulo Bonfim, que prefacia o livro, entre outras coisas, assim se exprime: - «Quem caminhar por esta PEDRA ELEGÍACA sentirá que nela está gravada a heráldica espiritual de um bruxo acostumado a transmutar a palavra em seus subterrâneos alquímicos. O livro que percorremos é fáustico. Encantatório na essencia, mântrico na estrutura semântica».

A POESIA DE OSCAR ROSAS, - de Iaponan Soares - Edições Cultura Catarinense.

Iaponan Soares é um riograndense do norte que mora em Santa Catarina há quase 20 anos. Como tantos outros, apaixonou-se pelas artes, pelas letras, enfim, pela cultura do nosso estado. Tanto assim que é de sua autoria o «Panorama do Conto Catarinense» (1971), que ainda não tivemos oportunidade de ler. Agora, sob o patrocínio do Governo do Estado, surge «A Poesia de Oscar Rosas», em que Iaponan destaca um poeta catarinense que teve importante atuação no movimento simbolista brasileiro e a quem ainda não se prestou todo o reconhecimento de que é merecedor. A primeira parte do livro apresenta dados biográficos de Oscar Rosas Ribeiro de Almeida, este seu nome completo, suscitando, inclusive, uma dúvida quanto ao ano em que nasceu o poeta. Segue-se uma cronografia e também uma bibliografia sobre Rosas. Finalmente, reuniu Iaponan Soares, em árduo trabalho de pesquisa, 18 poesias do até então quase esquecido simbolista catarinense, que por obra e graça de um nordestino passa a ter seu lugar de real destaque entre os grandes homens das letras

catarinenses, - Vale ressaltar, no trabalho de pesquisa a que se dedicou o autor, as notas inseridas ao pé de cada poema, citando, tanto quanto possível, tudo o que se relaciona com a poesia ali publicada. Que continue a rebuscar versos de Oscar Rosas são os votos que fazemos. Talvez assim, muito em breve possamos ter uma obra completa sobre esse grande valor das nossas letras.

TEATRO É EDUCAÇÃO (O TEATRO NA ESCOLA) - de Dilza Delia Dutra - Edições «A Nação» - 1972.

Incumbida pela Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina, de elaborar o «programa de arte dramática», destinado à escola básica catarinense, a autora deu forma de livro ao seu trabalho, criando uma obra que, não tenhamos acanhamento em dizer, orgulha a nós, catarinenses, pela objetividade da matéria. Destinada aos mestres e alunos do ensino básico e médio, o livro, como a própria Profra. Dilza o classifica, desenvolve-se em tres fases: 1ª.) A explicação do objeto - arte dramática, sua significação e história; 2ª.) ensinamento e sugestão de técnicas para bem exerce-las na escola, e, 3ª.) Tipologia de exercícios e práticas e uma antologia para uso escolar que é «em última instancia, um mostruário do muito que se tem e pode recolher da literatura mundial e brasileira, popular e culta, de todos os tempos, para este fim. E, principalmente, do que se pode criar». E, nesta época em que grupos teatrais de Florianópolis, Blumenau e outras cidades, dedicam-se com afinco ao teatro infantil e ao teatro adulto, é por demais oportuna essa publicação. Veio preencher uma lacuna existente há muito. E que a matéria seja realmente incluída no currículo escolar, porque como diz a Profra. Dilza: «TEATRO É EDUCAÇÃO».



O farol do Arvoredo, na ilha do mesmo nome, ao norte da Ilha de Santa Catarina, foi montado pelo depois almirante José Marques Guimarães, natural da cidade do Desterro (Florianópolis), onde nasceu a 25 de abril de 1838. Marques Guimarães comandou, durante a guerra com o Paraguai, a canhoneira «Greenhalgh». O citado farol foi construído em 1883.

AS INDÚSTRIAS DE BLUMENAU

WALDIR J. WANDALL

« I »

Conforme vimos no artigo anterior, é bastante grande o número de indústrias situadas no município de Blumenau, produzindo artigos de renome nacional e até internacional, graças à alta especialização introduzida no nosso parque fabril, visando obviamente, acompanhar o desenvolvimento tecnológico hodierno.

Dentre as indústrias de nossa terra, merecedoras dos maiores encômios pelo alto espírito administrativo de seus responsáveis, pela vontade de diversificar a sua produção para encontrar uma absorção maior de seus produtos acabados, pela humanidade como trata seus empregados, destacamos a Cremer S.A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos, como uma empresa cujos horizontes vislumbram modernização, expansão e sucesso em suas vendas.

Se olharmos para o passado, não muito remoto, pois, a Cremer foi fundada em 1935, chegamos à conclusão de estarmos diante de algo digno de nota, encarando-se, naturalmente, os períodos críticos por que passou a indústria catarinense, com a carência de energia elétrica, falta de amparo financeiro que entravava enormemente a expansão industrial e só recentemente corrigida com a criação de entidades financiadoras, além de outros fatores.

Tudo começou com o Sr. Werner Siegfried Cremer, imigrante alemão radicado em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, onde iniciou os trabalhos de confecção de produtos cirúrgicos (penso), utilizando a gaze fabricada pela Empresa Industrial Garcia S. A., de nossa cidade, naquela época 1932, 1933, tendo como Diretor Gerente o Sr. Alvin Schrader.

Considerando as despesas com o transporte da gaze, de Blumenau para Porto Alegre e a posterior transferência do produto acabado para as fontes de consumo, havia um encarecimento dos produtos manufaturados pelo Sr. Cremer, em relação aos similares estrangeiros, com os quais era obrigado a competir no mercado.

Pensou, Werner Siegfried Cremer, em se estabelecer no Vale do Itajaí visando tres intentos: reduzir consideravelmente as despesas de transporte da matéria prima; ampliar, paulatinamente, as atividades de seu negócio e partir para melhores possibilidades de competição no mercado consumidor.

Constantemente estava em Blumenau tratando de seus negócios e graças a essas estadas, criou um círculo de amizades com nomes

exponenciais da indústria e comércio locais, destacando-se os Srs. Alwin Schrader, Max Hering, Lina Deeke, Adolf Pötig, Otto Rohkohl, Richard Kaulich, Dr. Hans Pape, Adolfo Schmalz, Max Schlereth, João Schwuchow, Curt Hering e Dr. Antônio Hafner, com os quais discutia o assunto, a fim de induzí-los a aceitar sua idéia.

Até certo ponto a idéia era boa, pois, possibilitaria o funcionamento de mais uma indústria em Blumenau e, concomitantemente, favoreceria a absorção da mão de obra ociosa. Por outro lado, não prejudicaria o parque industrial já existente, visto a linha de produção da nova fábrica, em nada competir com as já em funcionamento. Finalmente, viria beneficiar a cidade no tocante ao desenvolvimento industrial.

Mas, referentemente à implantação de tal empreendimento, como mobilizar recursos financeiros suficientes para tal? Após ponderações estribadas em fatos concretos, acordaram num ponto único, considerado fator básico para o que desejava o Sr. Cremer: fundar uma sociedade anônima que administraria a indústria quando de sua atividade.

Por decisão unânime, foi fundada em 30 de março de 1935, a W. S. Cremer S. A., com um capital de Cr\$ 300,00, sendo sua primeira Diretoria Constituída pelos Srs. Alwin Schrader - Diretor-Presidente; Victor Hering - Diretor-Vice-Presidente; Werner Siefried Cremer - Diretor-Gerente e João Schwuchow - Diretor-Contador, ficaram os demais integrantes do grupo como acionistas da sociedade então formada.

Começando com uma pequena tecelagem e, aproveitando o fio já industrializado, iniciou a W. S. Cremer S. A. a produzir um artigo diferente dos padrões industriais de 1935, o material de penso, ou artigos medicinais (gaze, atadura, curativos, faixas, etc.), movimentado nove operários à volta de uns poucos teares, constituindo-se na primeira fábrica da América do Sul, no genero.

Em pouco tempo, surgiu o primeiro entrave: houve boa aceitação de seus produtos e cresceu sua produção, sendo naturalmente, necessária u'a maior quantidade de fios industrializados. Da mesma forma as outras indústrias existentes cresceram e a W. S. Cremer S. A., foi obrigada a ampliar seu parque fabril, montando em fins de 1936 a sua própria fiação, através da qual se tornava auto-suficiente em relação ao fio industrializado de que carecia, cujo funcionamento se deu em 1937, superando assim aquele primeiro problema, falta de fio industrializado.

Não parou aí o desejo de expansão da W. S. Cremer S. A.; de todos os artigos de penso em produção, um, de máxima importancia, deveria entrar em fabricação: o algodão hidrófilo ou medicinal. (Hidrófilo quer dizer absorvente). Imediatamente foram elaborados planos de estudos para a construção e importação de maquinaria necessária à implantação da fábrica de Algodão.

Fluiu o ano de 1938, quando foram iniciadas as obras de

implantação da fábrica de algodão hidrófilo da W. S. Cremer S. A.; mas, rosnava pelo Velho Mundo um monstro chamado Segunda Guerra Mundial, dificultando sobremaneira a importação de maquinaria. Apesar de muita luta, somente em 1940 foi possível iniciar as atividades da fábrica de algodão hidrófilo da Cremer, tendo merecido aceitação imediata esse novo produto.

Encontramo-nos, agora, no ano de 1941 e a W. S. Cremer S. A. vinha se transformando numa indústria florescente, graças à produção de artigos completamente diferentes da linha normal de fabricação das demais indústrias de Blumenau. Pensou-se em dar à fábrica um nome que a caracterizasse nacionalmente. Uma razão social longa enfeixou a idéia de administradores dinâmicos e a aceitação de produtos de alta classe: Fábrica de Gases Medicinais Cremer S. A.

Os anos foram se consumando na contagem do tempo enquanto a indústria Cremer lutava tenaz e comercialmente com os grandes "Truts" internacionais, com linha de produção idêntica de artigos de penso, e principalmente, com a grande crise financeira mundial, nascida da Segunda Grande Guerra, envolvendo quase todos os países do mundo.

Foi no ano de 1946 que se pensou em diversificar a linha de produção da Fábrica de Gases Medicinais Cremer S. A., para firmar-se ainda mais no conceito industrial brasileiro e, quiçá, mundial. Nesse ano, apareceram pela primeira vez no mercado, produzidas pela Cremer, toalhas de rosto, banho e panos de prata, não felpudos, ao lado da sua tradicional linha de penso.

Por volta de 1950, ano das comemorações do Centenário de fundação da cidade de Blumenau, eclodiu séria crise administrativa na Fábrica de Gases Medicinais Cremer S. A., pois, somente estava administrando a empresa o Diretor Gerente, Sr. Walter Strauch, enquanto o Conselho Fiscal era encabeçado pelo Sr. Heinz Schrader, filho e sucessor do primeiro Diretor Presidente da Cremer, Sr. Alwin Schrader.

Tomando a si a responsabilidade de expurgar os elementos que estavam levando a Cremer ao caos, lançou-se na luta para soerguer a fábrica que estava prestes a falir e, inclusive, ameaçada de ser vendida a um grupo estrangeiro fabricante da mesma linha de produção de penso.



Quando, em 10 de janeiro de 1883, Blumenau tornou-se município autônomo, tinha 18.756 habitantes (todo o antigo grande município, desde Gaspar ao Taió). 40 anos depois, em 1923, aquele número elevava-se para 73.000 almas. O primeiro orçamento municipal foi de R\$ 6.744\$000. O de 1923 era de R\$ 4.070:000\$000

Distribuidora Catarinense De Tecidos S.A.

Rua XV de Novembro, 25 — Caixa Postal, 157

Telegrs: «DISTRIBUIDORA»

Fones: 22-0825 e 22-0827

BLUMENAU - S. C.

Tecidos e Artefatos das Melhores Fábricas Têxteis do País

Vendas somente Por Atacado

Emprêsa Industrial

Garcia S/A.

BLUMENAU - ESTADO DE SANTA CATARINA
Escritório e Fábrica: Rua Amazonas, 4906 — Garcia
Enderêço Telegráfico: «GARCIA» - Caixa Postal, 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE
TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E BANHO
TOALHAS DE MESA - PANO DE COPA

LENÇOS - ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS
CRETONES E OUTROS TECIDOS

Impresso na Tip. Centenário de Timbó Ltda. - Timbó